



N.º 92 — LISBOA, 13 DE OUTUBRO

2.º
ANO
1904

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quintas-feiras

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da

PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA

PREÇO AVULSO 20 RÉIS

Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREGIO LUSITANO, 66, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 32 num. 13000 rs. || Brazil, anno 32 numeros. 25500 rs.
Semestre, 26 numeros. 3500 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.
Cobrança pelo correio. 3100 rs. || Estrangeiro, anno, 32 numeros. . 13800 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data; tem porem de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO

Minerva Peninsular

82, 207 do Norte, 82

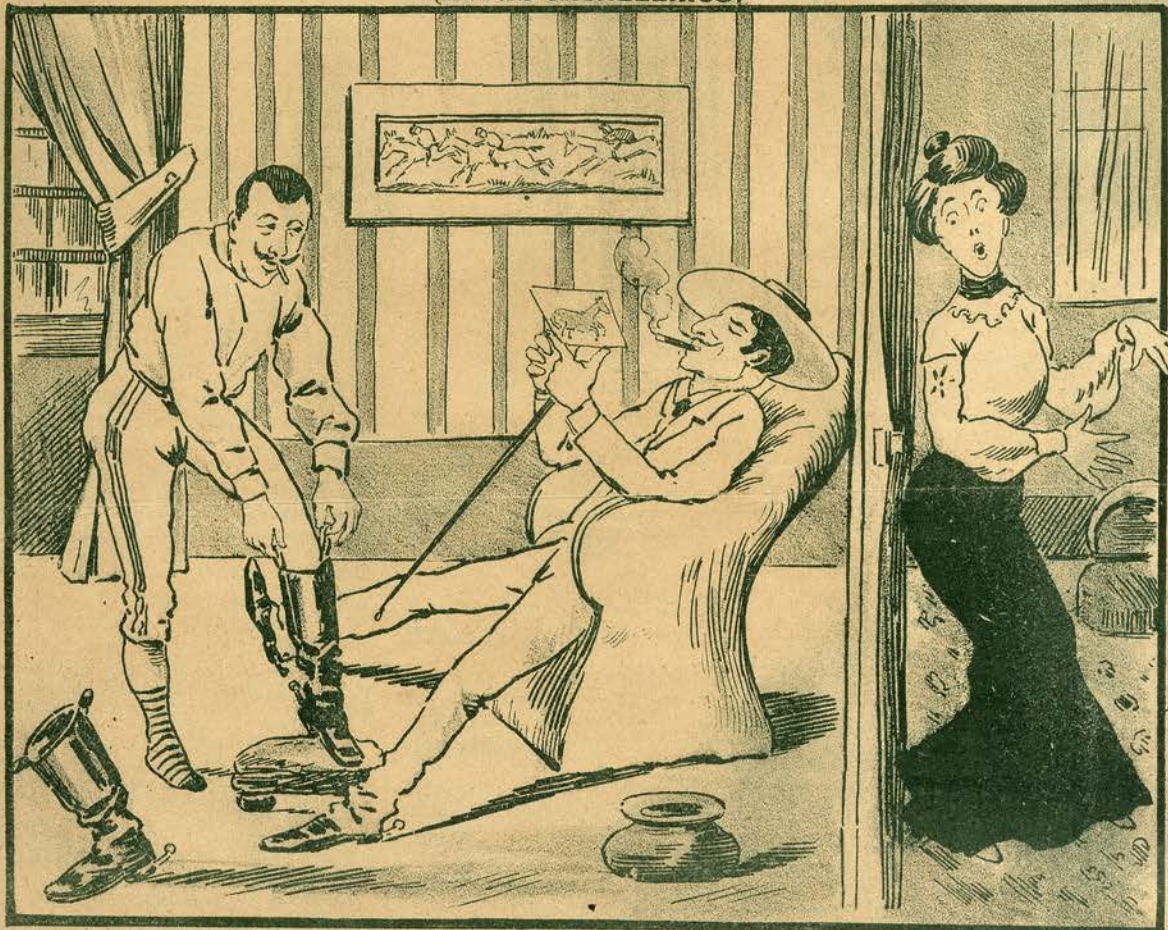
IMPRESSÃO

Lythographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

MAL-ENTENDIDO

(ENTRE CAVALLEIROS)



— Pois, meu caro, é muito boa. Tendo-a bem nas pernas, faz-se d'ella o que se quer. Tem uma bocca finis-
sima e uma garupa esplendida...

— Temos cue experimentar isso...

DERROTA-VICTORIA

O sr. ministro da marinha viu-se em graves embarços, a semana passada, para dar conta ao paiz e á camara do massacre da expedição aos cuanhamas.

Não lhe occorrendo outra palavra de conforto, eis o que sua ex.^a disse:

«A sorte não nos quiz favorecer no inicio da occupação do paiz dos cuanhamas. Paciencia. E' bom tambem que nos habituemos aos azares da guerra».

Nós permittimos-nos discordar.

Nunca é bom que os povos se habituem aos azares da guerra, quando esses azares se chamam—Derrota.

Não é pela derrota que se faz carreira. Não é pela derrota que se chega á victoria.

Que o sr. ministro da marinha recommendasse paciencia, está bem. Que remedio senão tel-a! E' preciso realmente paciencia para assistir ao espectaculo de uma administração colonial que não sabe o que faz, como nos parece ser aquella a que sua ex.^a preside. Que sua ex.^a, porém, nos pretenda inculcar a derrota, o massacre, o morticínio como um excelente exercicio ao qual nos devemos habituar, para nos affazermos á guerra, eis o que não podemos aceitar como boa doutrina e como não o pôde aceitar o paiz, que está certamente disposto a sacrificar os seus filhos pela patria, mas que, estamos certos, só os sacrifica com grande repugnancia aos erros dos seus governos.

Nós bem sabemos que todas as nações, as mais fortes e valorosas, estão arriscadas a soffrer e tem soffrido, desastres eguaes ao que victimou as nossas tropas. Nós não temos o privilegio da derrota, assim como não temos o da victoria. O que, porém, não succede nas outras nações é que estes factos sejam considerados excellentes, nem para levantar o espirito publico, nem para fazer espirito militar. Quando elles se dão, o que se faz é procurar reparal-os.

A derrota não contem outro estimulo que não seja o da esperanza ou victoria. Essa esperanza é que o sr. ministro da marinha devia ter dado ao parlamento e ao paiz, á falta

de explicações que os satisfizessem sobre as causas do morticínio da expedição.

O que se vê é que o sr. ministro da marinha estava sensivelmente perturbado no momento de communicar á camara esses successos desastrosos.

Sem isso, sua ex.^a não tornaria necessaria a derrota, para o que teve tanto menor autoridade quanto não soube organizar a victoria.

A derrota é um accidente, muitas vezes fecundo. As derrotas de Washington conduziram á independencia da America. Torna-as indispensaveis é um absurdo. Nunca foi absolutamente preciso, para triumphar—levar para baixo. Ao contrario, a condição essencial do triumpho é—dar.



Appolado

Dizem-me que o Papa trata
—E faz elle muito bem—
De tornar como convém
A divina musicata:
Por medida tão sensata
Debalde ha annos eu grito;
E anda muito povo afflicto,
E seriamente encordôa,
Quando os sinos de Lisboa
Lhe tocam o pirolito!

N'este caso palmas dou:
Sino, que fronteiro está,
Nunca mais me acordará,
Tocando a *Senhora Angot*!...
Sou christão, lá isso sou.
Reprovo com toda a gana
Essa musica mundana,
Que tão impropria se torna...
Venha dos orgãos a sorna
Porque é christã d'uma canna!

SIMPLICIO.



A nova moeda ou,

Camões em camoehos

O sr. Pequito, ministro da fazenda, decidiu emitir os *Lusiadas* em moedas de dez, cinco e dois tostões, que assim se ficarão chamando—*lusiados*.

N'este pensamento, o immortal poema de Camões vae ser mandado para a Casa da Moeda, afim de ser convertido em numerario.

Ninguem deixará de reconhecer que, dos *Lusiadas*, é esta a melhor edição que se tem feito.

Vae andar de mão em mão.

O vinho, no ponto de

vista da etymologia

O sr. visconde de Coruche publicou uma monographia intitulada—*O que é o vinho*, que já deu origem a uma polemica—vinicola? Não!—Ety-mologica.

Oh! o admiravel paiz de grammaticos!

Diz o sr. visconde:

«Nem todos os autores attribuem á palavra *vinho* a origem latina *vinum*, e nenhum lhe dá a origem grega *oinos*, que tem a mesma significação de *vinho*; havendo porém quem vá procurar a origem da palavra mais longe, no sânscrito.»

Vae d'ahi, o sr. Candido de Figueiredo, ou o diabo por elle, saltalhe á perna:

«Vai nisto certamente uma confusão de noções. Se o autor designa pelo termo *origem* a nascente, a mais remota da palavra, nenhum filólogo apontou ainda essa fonte, nem a apontará, porque ella se perde nos primódios da humanidade, anteriores a toda a escrita e a toda a história; mas se, com a palavra *origem*, o autor quiz dizer o mesmo que etimologia, então não pôde haver a minima dúvida de que, á parte algumas formas intermédias, como *vio*, (com i nasalado) do portuguez arcaico, o nosso *vinho* procedeu do latim *vinum*».

«Há quem vá procurar a origem do *vinho* no sânscrito? Não é bem isso: o que há é quem filie o latim *vinum* e o grego *oinos* no sânscrito védico *vena*, que quer dizer *amigavel*, *caricioso*; e quem assim opina nem por sombras contesta que o nosso *vinho* venha do latim *vinum*. Em todo caso, a relação do *vinum* latino com o *vena* sânscrito tem escassos votos, e a opinião mais plausivel é talvez a dos que vão encontrar um avoengo do nosso *vinho* no hebreu *vin*, que significa a mesma coisa.»

Não sabemos se o sr. visconde de Coruche proseguirá na controversia, ou a dará por finda.

O que sabemos é que a respeito do que seja *vinho*, fica dita a ultima palavra, senão nas adegas—nas grammaticas.



Ainda bem!

Descobriu-se agora que a appendicite se deve ao abuso da carne.

E' talvez por isso que a appendicite é doença rara nas classes pobres. *A' quelque chose malheur est bon.*

Soneto todo esocemado

*Alma minha gentil, que te partiste,
Disse o Camões zanaga em rica trova...
E, elle, que assim o disse, tinha prova
D'aquellas a que a gente não resiste.*

Eu cá também metti a lança em riste,
Paladino d'amor de raça nova...
Mas fartei-me a não mais de apanhar sova,
E hoje em mim de paixão nem sombra existe!

Por causa de meninas, todas bellas,
Apanhei atrocissimo catharro,
Resultado de grandes molhadellas!

Não quero vêr Copidos, nem de barro,
Porque as *almas gentis* das minhas *ellas*
Transmutaram-se em almas de chicharro!

**Justiça e contas saigadas**

Levantou-se agora em França um litigio entre o famoso medico francez Doyen, e um rico americano, cuja mulher elle tratou, exigindo pelos seus cuidados clinicos, que se reduziram a algumas injecções de soro anti-canceroso, a importante quantia de vinte contos de réis.

A mulher do americano não melhorou e, pouco depois, vinha a fallecer. O americano exigiu então a restituição dos cem mil francos, sob o pretexto de que o doutor Doyen não chegara a tratá-la.

D'ahi, o pleito.

Immediatamente entrevistado, o doutor Doyen soltou uma immensa gargalhada—conta* o jornal ao qual nos reportamos na referencia d'este successo—e disse: «Esse americano deve muito bem saber que é de toda a justiça que o doente rico pague pelos doentes pobres!»

É isto na realidade assim?

Nós não temos procuração dos ricos para os defender n'este pleito que a elles todos interessa; mas quer-nos parecer que o doutor Doyen raciocina com uma certa desinvoltura.

E' talvez certo que os ricos devam pagar pelos pobres; mas é porventura bem certo que os medicos estejam especialmente encarregados de fazer essa cobrança?

E, por outro lado, se é certo que os ricos devem ser especialmente tributados em beneficio dos pobres, porque rasão o serão apenas em certas circumstancias da vida e não em todas?

Para que a doutrina do doutor Doyen fosse equitativa, seria preciso que os ricos pagassem não só aos medicos, mas a toda a gente, mais caro do que os pobres—o que não succede. O pão dos ricos custa o mesmo preço do pão dos pobres. O padeiro não lhes leva mais caro.

Por outro lado também, que direito têm os homens, no exercicio das suas profissões, de investigarem da situação de fortuna dos seus clientes? São porventura os serviços que prestam aos pobres diferentes ou melhores do que aquellos que prestam aos ricos? São os mesmos! Mas se são os mesmos, porque rasão não de custar mais caro a uns e mais barato a outros?

Nós concordamos até certo ponto que os ricos devam pagar mais. Com o que não concordamos é que, á sombra d'este principio, certas classes tenham, por sua vez, o privilegio de enriquecer.

A fortuna do americano que se queixa do doutor Doyen, é talvez uma iniquidade social; mas o que não está demonstrado é que o doutor Doyen esteja incumbido de a reparar chamando a ás suas algeibeiras.

**O que se diz**

Que o calibre em breve estoira
Diz quem amanhôu a horta;
Mas qualquer com a vassoira
Varre a testada da porta.

Que todos elles erraram,
Deram patadas de pôtros;
E não pôdem os que entraram
Emendar erros dos outros.

A este dizer assizado
Minha razão se sujeita...
Por que um chifre encambichado
Nem o demonio o endireita.

Mas tal dizer traz-me á bola
O que sempre aconteceu
Com os meninos na escola:
— Senhor mestre, não fui eu!...

O mestre abichava gloria
Se dêsse uma ensinadella...
Mas não ergue a palmatoria
Por que preciza com ella!...

Mas para que é tanto arranco?
Quem tom fé nunca tremeu!...
Inda temos João Franco
Por graça do Pae do céu!...

Portuguezes, é chegado
O dia da redempção...
Por que o Franco é aclamado
Na terra do mexilhão!

Quem fôr épico de arromba
Faça um poema como a Eneida!...
Arrebenta o bombo e a bomba!
E' ter alma até Almeida!

**Um caso grave e uma gata gravida**

Sob a epigraphe—*Um caso grave*, um jornal da manhã publica uma noticia que começa assim:

«Ante-hontem, das sete ás oito horas da noite, em Algés, deu-se um acontecimento de certa gravidade.

Appareceu um gato um pouco derreado dos quartos trazeiros...»

Não lêmos o resto.

Para quê?

A gravidade do caso estava estebelecida. Um gato derreado dos quartos trazeiros é sempre grave. Quando, com esta circumstancia, concorre o facto d'elle ter apparecido, em Algés e, para mais, entre as sete e as oito da noite,—nada mais grave. Não é então ja um gato derreado dos quartos trazeiros. E' talvez uma crise ministerial, é talvez um golpe de Estado, é talvez uma revolução, é talvez um tremor de terra.

Ocorreu-nos no entanto que o gato em questão, derreado dos quartos trazeiros, talvez fosse uma gata e, n'essa supposição, não se trataria em rigor de um caso grave, mas na realidade de um caso de gravidez, o que tudo se deslindaria, se tivéssemos lido o resto da noticia. Mas, como o confessamos, não a lêmos.

Em certos casos, a Conjectura é muito mais grata do que a Certeza.

**O microbio do amor**

Depois da descoberta do microbio da velhice, pelo doutor Metchnikoff, do Instituto Pasteur, eis aqui a descoberta do microbio do amor.

O doutor Cotton—refere um jornal—com o auxilio de um poderoso microscopio, acaba de descobrir um microbio que reside nas fibras do cerebro, e ao qual deu o nome de—*microbio do amor*.

Temos portanto que d'ora avante as doenças do amor vão ser curadas com injecções.

O mundo não pára!

**Geral e Superior**

Um leitor das *Novidades* alvitra que se dê aos nossos *lusos* o nome de *lusitanos*, porque, diz elle, «a palavra *luso* em breve será estropiada pelo nosso povo, que lhe chamará *lusio*»

Este nosso povo é um bombo em dia de festa.

O que desejavamos saber é o nome que tem as pessoas que não se incluem na categoria de—povo.

Ah! Já sabemos.—E' a *superior*.

O povo é a sopa economica, as pranchadas da policia, os erros de grammatica, n'uma palavra—a *geral*.

O resto são os *fauteuils de orchestra*.

AS RESPONSABILIDADES



Lavando as mãos, como Pilatos

O Marquez de Pombal**e as mercearias**

A Associação dos Logistas instou pelo monumento ao Marquez de Pombal.

Está bem; mas nós perguntamos que especial relação existe entre o Marquez de Pombal e a Associação dos Logistas.

Não queremos, já se vê, contestar a esta collectividade prestimosa o direito de intervir na vida civica, posto o seu objectivo seja muito mais o de occupar-se da sua loja.

O que vemos e verificamos é que o Marquez de Pombal está singularmente abandonado, para que depois de tantos beneficios em prol dos progressos do paiz, apenas intertenham em seu favor—as tendas.

Pombal foi um reformador, como Campomanes e Aranda. Mas passe-se o tempo e as coisas tomam um tal aspecto que elle transfigura-se, desfigura-se.—Não é um reformador: é um antigo negociante de viveres a retalho. Não é o Marquez de Pombal—é Pombal, em commandita, Pombal & Filhos, Sebastião José de Carvalho & C.^a.

A reclamação da Associação dos Logistas pode induzir em equívoco quem não conheça a historia. Observando que, entre todos os portuguezes, são os logistas os unicos que reclamam um monumento para o Marquez do Pombal, nada mais natural do que imaginar-se que este grande homem, em vez de ter largamente fabricado acontecimentos, fabricou simplesmente—manteiga.

**A Associação dos****Logistas e um alvitre**

A Associação dos Logistas de Lisboa reclamou perante a Camara Municipal de Lisboa contra o preço do gaz, que, tendo em tempo augmentado em virtude do augmento do preço do carvão, não voltou a baixar, apesar de ter baixado o preço do carvão.

Mas isto não succede só ao carvão: succede a todos os artigos de consumo.

A pretexto do cambio, tudo augmento de preço. Os cambios baixaram: Os preços mantiveram-se.

Tudo está em que haja pretexto para levantar o preço ás coisas. Encontrado elle, não se volta a traz, embora elle desapareça.

Assim, podem os cambios melhorar, podem os francos chegar a sete e meio e podem as libras andar aos pontapés, que não se abate um vinem ao consummidor.

O que está feito, está feito, e o que está dito, está dito.

A Associação dos Logistas reclama contra o preço do gaz, ao que nós fervorosamente adherimos. Mas se ella começasse tambem por diminuir os seus?

**Sonho**

Sonhei que estava feito deputado
(Nunca tinha sonhado coisa assim!...)
Era tudo a correr atraz de mim
Como atraz d'osso o cão esfomeado!

De excellencias me vi abarrotado
Quando entrei lá da Estrella no Jardim...
Considereimei-me um verdadeiro Alpoim
Co'a diff'rença de menos embojado!...

De salvar a nação saltou-me a bolha;
Até quiz nos jornaes metter a rolha
Como tem feito alguns... de bons desejos!...

Acordo a espreguiçar-me como as cobras;
E vejo, como em campo de manobras,
Vermelhos batalhões de percevejos!

**A Rotina, o Progresso****e as bebidas frias**

Não sabe a gente para onde se hade virar!

Nós conduziamos-nos em virtude da Rotina; mas vem o Progresso, e, em todas as coisas e a proposito de tudo, nos diz—Não faças isso! E' asneira. Faz isto! Tens fome? Não comas. Não ha peor coisa para a saude do que comer. Tens frio? Não te agasalhes! Não ha nada mais perigoso do que a roupa. E' a origem de todas as constipações, de todas as bronchites, de todas as pneumonias. Tens sede?...

Mas aqui está justamente o que nos diz o Progresso, por um dos seus porta-vozes, ou seja por um jornal:

«E' erro pensar que as bebidas frias servem para matar a sede. As bebidas quentes refrescam mais do que as bebidas geladas.»

Se estas indicações forem seguidas, que revolução nos costumes!

Bannidos os sorvetes! Bannidas as carapinhadas, bannidas as cervejas, bannidas as gazosas!

Está um horrivel dia de calor. Ouve-se bater as palmas na sala de um café fumegante, e uma voz suffocada dirá:

—Rapaz! Um escalda-pés—bem quente!

Em logar de sorvetes, os confeiteiros annunciarão grogs—de leite e morango.

GUITARRA DA PARODIA**MOTE**

Papagaio penna verde
Vem cantar ao meu jardim;
Põe o pé na mangerona
E o bico no alecrim.

GLOSA

Um papagaio excellente
Tenho, vindo dos Brazis;
Fala e não sabe o que diz,
Mas assim ha muita gente;
De imitar perfeitamente
A prenda nunca elle perde;
E ditoso de quem herde
A minha ave palradora,
Que repete a toda a hora:
Papagaio penna verde.

Elle tem ouvido bello
Que anda mal aproveitado,
Porque se fosse educado
Dava um cantor de cartello:
Abre as azas, com desvelo,
Quando o chamo, vem a mim;
Puz-lhe o nome de *Jasmin*
Por que todas as manhãs,
Ao som do coaxar das rãs,
Vem cantar ao meu jardim.

A esta ave de estimação,
Que meu enlevo todo é,
Não lhe puz grilhão ao pé,
Pois detesto a escravidão:
Livre como no sertão,
Do vôo as prendas abona;
Vae á nora que resona,
Farta a sede em pura água;
E depois, alheio á magoa,
Põe o pé na mangerona.

E' gosto vel-o entre as flores
Qua' se fosse jardineiro;
Da acacia faz seu puleiro
E, alegre, allí canta amores:
A's rosas de varias cô-es
Offerta risos sem fim,
Beija o mimoso jasmin,
Confessa ao cravo amizade,
Põe terno olhar na saudade
E o bico no alecrim.

VENANCIO.

**Um dito e um facto**

O espirito de um grande homem nem sempre é concludente.

O dr. Dally, chefe do laboratorio de Edison, acaba de ser victima das experiencias que fez com as applicações do radio na cura do cancro.

Ao receber os pesames de grande numero de pessoas, pelo fallecimento do seu companheiro, Edison disse: —«A luz do radio mata, mas tambem cura».

Aqui está.
Edison disse talvez uma grande coisa.

Em todo o caso, o que os acontecimentos provaram, pelo menos, por ora, é que a luz do radio—mata.

O discurso

Li o discurso da c'roa
Com vagarosa attenção;
E vejo que o barco aprôa
A porto de salvação.
Se morre ou não morre o cão,
Isso inda ignoro, leitor;
Mas sei que temos o amor
D'outras nações do Universo.
Bom discurso!... mas em verso
Inda ficava melhor!

Taboletas
Em todos os generos
Francisco Santos
R. Gremio Lusitano
Luzitano 42

Ourivesaria e Relojoaria
com officina annexa
de fabrico e
reparacao
FLORINDO
JOIAS
COM
bilhantes
PREÇOS
Limitadissimos
99, RUA AUREA, 99

A firma **Viuva de José Gomes da Silva & Filhos** participa aos seus amigos e freguezes que no dia 8 do corrente muda o antigo deposito dos seus genuinos vinhos de Collares, que estava na rua do Gremio Lusitano, 17, para a **R. da Trindade, 90**, proximo a cervejaria.

Aproveita o ensejo para convidar todos os seus consumidores e o publico em geral a visitar não só o mesmo deposito, mas as suas 12 adegas em Collares e Almoçageme sendo: duas na Quinta do Morraçal, uma na Varzea de Collares e nove em Almoçageme, uma das quaes, ultimamente inaugurada, é verdadeiramente monumen. o no seu genero e seguramente das mais notaveis do paiz. Ali poderão verificar os visitantes o esmero e escriptulo empregado pelos annunciantes na confecção dos seus primorosos vinhos brancos e tintos, tão apreciados e popularizados no paiz, Africa, Brazil e por toda a Europa.

Um ex-incredulo

(Continuação)

mento, affiançando-me que tendo persistencia ficava completamente bem. Effectivamente, depois de tomar 18 frascos fiquei completamente curado, mas como não esperava uma cura tão rapida, deixei passar algum tempo para vêr se apparecia qualquer manifestação. Convencido, convencidissimo, estou agora de que a cura foi radical, pois encontro-me completamente o mesmo, como antes da terrivel doença. Cumpro, pois tão somente um dever, tornando publico esta cura, aconselhando a todos que soffrerem d'esta terrivel doença tão m. lagroso preparado.

E' pois o Ex.^{mo} Sr. **DIAS AMADO**
(Continúa).

A **Viuva de José Gomes da Silva & Filhos** são os maiores exportadores de vinhos de Collares e não ha commerciante brasileiro que venha ao nosso paiz, que não deseje visitar as nossas adegas.

Os vinhos da **Viuva de José Gomes da Silva & Filhos** encontram-se em todas as mercarias, hotéis, restaurants e casas de pasto.

Pedimos a todos o. nossos consumidores a cautela de verificarem a existencia das nossas marcas quer nas rolhas das garrafas, quer nas capsulas e ainda nos rotulos. Nas rolhas a marca é a fogo, no sentido longitudinal e

V. J. G. S. & F. O^s
Collares

na parte superior um circulo t. ndo ao centro J. G. S. as capsulas tem a marca circular «Collares Genuinos» e ao centro J. G. S.

Nos rotulos «xistem as indicações da nossa proveniencia tendo atravessado a indicação, a tinta encarnada, de **Registado**. E' só assim que **Viuva de José Gomes da Silva & Filhos** toma a responsabilidade pela pureza e confecção dos seus **Genuinos vinhos de Collares**

Peça a V. Ex.^a a fineza de não comprar chapéus sem primeiro visitar este estabelecimento

ORTHOPIÉDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS e aparelhos orthopedicos DE MANUEL MARTINS
FORNECEDOR DOS HOSPITAES CIVIS, CASAS DE SAUDE, DE BENEFICENCIA, ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.
154, Rua da Magdalena, 154-A
(ANTIGA Calçada do Caldas Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL
Gaston Piel

Das 9 da manhã às 5 da tarde
PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16

CASA DAS TESOURAS

Soneto do ex.^{mo} sr. Eduardo Rodrigues de Carvalho, de «Serrases», S. Pedro do Sul:

O Grande Czar, que a guerra traz accesa, n'essas longiquas partes da Coreia, onde o Japão, heroico, deu tarefa, dos russos, na medonha fortaleza.

Tem um manto de magica belleza, que entre mantos de reis, alto campeiro; tres mil libras custou, e não receia, perder entre outros mantos, a grandeza.

Um dia, no palacio o Czar, então, viu entrar um mimoso corteção, da Côte, audaz, e nobre Cavalleiro,

e viu-lhe o Czar nas costas um **gabão** l de raiva atira o regio manto ao chão, e em vez de manto, traz **gabão d'Aveiro**.

Sobretudos da moda de **6\$000 a 25\$000**
Gabões de Aveiro de **3\$800 a 25\$000**
para senhoras e meninas de **8\$000 a 45\$000** réis.

51—R. da Escola Polytechnica—55

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

SERVICO DOS ARMAZENS—Fornecimento de 320 toneladas de coke.

No dia 17 de outubro, pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Commissão Executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 320 toneladas de carvão de coke.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central dos armazens (edificio de estação de Santa Apollonia,) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, e em Paris, nos escriptorios da Companhia, 28, rue de Châtesudum.

O deposito para ser admitido a licitar deve ser feito até ás 12 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relogio exterior da estação central do Rocio. Lisboa, 7 de setembro de 1904.

Pelo director geral da companhia—O Engenheiro Sub-Director, — Augusto Luciano S. de Carvalho.

AVISO AO PUBLICO

Desde 1 de setembro de 1901 será posta em vigor a nova tarifa especial interna n.º 9 de grande velocidade —Bilhetes collectivos para grupos de 12 ou m. is passageiros de 3.^a classe, em todas as linhas d'esta Companhia com excepção do Ramal de Cascaes.

Nas estações d'esta companhia pode o publico consultar e obter por compra a referida tarifa

Lisboa, 19 de agosto de 1904.

Pelo director geral da Companhia, o engenheiro sub-director—Augusto Luciano de Carvalho.

SERVICO DOS ARMAZENS—Fornecimento de madeiras diversas.

No dia 26 de setembro, pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio), perante a commissão executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de madeiras diversas.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central dos armazens (edificio da estação de Santa Apollonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Lisboa, 16 de agosto de 1904.

SAIÃO MOZART
MONTE-ROSE
PIANOS
ORGÃOS
Instrumentos musicos
RUA-IVENS-52,54
LISBOA



Callista pedlouro

Jeronimo Fernandes

Empregado da casa Ornelas R. SERPA PINTO, 48, 1.^o

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e desencravamento de unhas pelos mais moderno processo até hoje conhecido.

Pede-se ao publico que visite este consulto lo para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.
Das 9 a 5 da tarde

NOVA MOEDA

PRACA
DE
CAMOES



TU OS LUSIADAS
EU OS LUSOS